

Universidades Lusíada

Clemente, Pedro José Lopes, 1959-

Global e policial : ciência e policial

<http://hdl.handle.net/11067/7509>

<https://doi.org/10.34628/HJ39-YG17>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

No mundo ideal não existe polícia, porém o real nunca corresponde ao ideal. Assim, ninguém fica indiferente à questão policial, muito menos a ciência. Agora, a polícia tem dignidade académica, cujo estudo da polícia, enquanto instituição e ação, advém da Ciência Policial e de outras ciências, como a Sociologia, o Direito ou a Globalogia (Estudos Globais). A Ciência promove a polícia inteligente: a ciência guia a polícia; a polícia orientada pela ciência ganha eficácia na ação. A globalização as...

In the ideal world there is no police, but the real world never matches the ideal. So nobody is indifferent to the police question, least of all science. Now, the police have academic dignity, and the study of the police as an institution and action comes from Police Science and other sciences such as Sociology, Law or Globalogy (Global Studies). Science promotes intelligent policing: science guides the police; science-orientated police make their actions more effective. Globalisation is associ...

Editor

Universidade Lusíada Editora

Palavras Chave

Polícia, Segurança pública

Tipo

article

Revisão de Pares

yes

Coleções

ULL-FCHS] LPIS, n. 27-28 (2024)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-07-30T09:38:50Z com informação proveniente do Repositório

GLOBAL E POLICIAL - CIÊNCIA E POLÍCIA
GLOBAL AND POLICING - SCIENCE AND POLICE

Pedro Clemente

Doutor em Ciência Política

Mestre em Estratégia

Licenciado em Ciências Policiais

Docente na Universidade Lusíada em Lisboa

Investigador na área das Políticas Públicas de Segurança e da Ciência Policial

Superintendente-chefe da PSP

Investigador no Centre de Estudos Jurídicos, Económicos e Ambientais

pedroclemente@hotmail.pt

ORCID: 0000-0003-3527-8515

DOI: <https://doi.org/10.34628/HJ39-YG17>

Data de submissão / Submission date: 17.02.2024

Data de aprovação / Acceptance date: 26.04.2024

Resumo: No mundo ideal não existe polícia, porém o real nunca corresponde ao ideal. Assim, ninguém fica indiferente à questão policial, muito menos a ciência. Agora, a polícia tem dignidade acadêmica, cujo estudo da polícia, enquanto instituição e ação, advém da Ciência Policial e de outras ciências, como a Sociologia, o Direito ou a Globalogia (Estudos Globais). A Ciência promove a polícia inteligente: a ciência guia a polícia; a polícia orientada pela ciência ganha eficácia na ação.

A globalização associa-se à ciência e projeta-se na polícia: a cidade é global, a humanidade universal e a polícia glocal. Na idade global, a polícia pensa-se singular, exprime-se plural e existe glocal – é uma convergência entre o global e o local. A polícia assume-se glocal na cidade global, ou seja, a polícia é uma ideia global de expressão local: não há polícia universal, apenas local; só a ideia de polícia é global.

Pura verdade, sem a polícia, a cidade afunda-se no crime. Outrora, como hoje, a polícia constitui um bem maior da cidade, porque não há sociedade sem crime, nem liberdade sem segurança, nem sequer Estado sem polícia. Hodiernamente, o serviço policial ergue-se como ator principal da segurança interna, pelo que cada polícia age conforme o ditame das políticas públicas do Estado de Direito democrático.

Palavras-chave: Cidadania; Global; Polícia; Segurança.

Abstract: In the ideal world there is no police, but the real world never matches the ideal. So nobody is indifferent to the police question, least of all science. Now, the police have academic dignity, and the study of the police as an institution and action comes from Police Science and other sciences such as Sociology, Law or Globalogy (Global Studies). Science promotes intelligent policing: science guides the police; science-orientated police make their actions more effective.

Globalisation is associated with science and is projected onto the police: the city is global, humanity is universal and the police are glocal. In the global age, the police think singular, express themselves plural and exist glocal – it is a convergence between the global and the local. The police are glocal in the global city, i.e. the police are a global idea with a local expression: there are no universal police, only local ones; only the idea of the police is global.

Without the police, the city sinks into crime. In the past, as today, the police are the city's greatest asset, because there is no society without crime, no freedom without security, no state without the police. Nowadays, the police service is the main actor in internal security, so each police force acts according to the dictates of the public policies of the democratic rule of law.

Keywords: Citizenship; Global; Police; Security.

Desde a aurora da humanidade, a globalização¹ acompanha a civilização: outrora na via romana mais tarde na rota da seda; depois na viagem das caravelas; agora, no espaço digital...

A globalização associa-se à ciência e projeta-se na polícia²: “A ciência surgiu com essa vocação global, procurando formular leis universais, mas também compreender as experiências humanas, na sua diversidade.”³

O saber nasce da relação entre o sujeito (cognoscente) e objeto (cognoscível). Ao guiar-se pelo método científico, o conhecimento assume-se ciência em saberes científicos distintos e entre si relacionados. Por ser assim, as instituições universitárias valorizam os campos científicos interdisciplinares⁴, como sejam a Globalogia⁵ ou Estudos Globais⁶ e as

¹ Anthony Giddens entende a globalização como a “intensificação das relações sociais em escala mundial” (*apud* MALUSCHKE, Günther. A Globalização como desafio ético-institucional. Revista Polícia Portuguesa, n.º 112, julho-agosto de 1998. Lisboa: Comando-Geral da PSP, 1998, p.10.) Advinda do latim *globu* (globo), o étimo globalização significa a visão geral das coisas.

² Quanto ao conceito de polícia, veja-se: CLEMENTE, Pedro. A Polícia em Portugal. Cadernos INA n.º 26. Oeiras: Instituto Nacional de Administração (INA), 2006, pp. 19 a 20 e 43 a 46.

³ ABRANTES, Pedro, e LECHNER, Elsa. Introdução: O que é fazer investigação em estudos globais, *in* Nós Globais - Investigações em curso sobre Questões da Globalização. Coordenação Pedro Abrantes e Elsa Lechner. Coleção Estudos Globais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 8. (*Vide*: https://doi.org/10.14195/978-989-26-2410-5_0)

⁴ A interdisciplinaridade brota do mesmo objeto de estudo ser investigado, por diversas ciências, num processo controlado de empréstimos recíprocos de análises, métodos e dados, ultrapassando as fronteiras disciplinares convencionais.

⁵ Segundo a Universidade Aberta, a “globalogia é, em definição geral, uma ciência que procura compreender o mundo em processo de globalização, na sua história e na complexidade do seu estado presente, caracterizado pelos movimentos de intercâmbio, pelas interações entre comunidades humanas espalhadas por todo o planeta Terra, que geraram, e continuam a gerar, inter-relações, interfecundações e metamorfoses nos mais diversos planos (cultural, económico, político, religioso, social, entre outros).” (*Vide*: <https://sites.uab.pt/ceg/publicacoes/>)

⁶ Do ponto de vista científico, os Estudos Globais caracterizam-se “como uma área de estudos interdisciplinares sobre a globalização” (ABRANTES, Pedro, e LECHNER, Elsa. *Op. cit.*, p. 9), através de “processos de construção e desconstrução de fronteiras” (FRANCO, José Eduardo. *Fronteiras e Utopia - Promessas da Utopia nos Tempos de Globalização*. Lisboa: Apenas Livros, 2023, p. 17). Proveniente do latim *studium*, com o significado de zelo, a palavra estudo remete para a aquisição de conhecimento; no plural, o étimo estudos recorda a proliferação de saberes decorrente

Ciências Policiais⁷, “colocando em relação o que até hoje era estudado de forma compartimentada”⁸.

Evidentemente, os Estudos Globais constituem já uma marca científica indelével, porque “hoje o mundo todo é, no fundo, um território entre fronteiras”, porém menos na “Europa enquanto projeto utópico com raízes antigas”,⁹ perante a abolição das fronteiras internas. De igual modo, as Ciências Policiais enformam o universo científico, porém o conhecimento da polícia não se reduz ao saber das Ciências Policiais. Nesse sentido, este é, também, o tempo dos Estudos Globais sobre a polícia e, logo, da aurora da Globalogia Policial, uma fronteira aberta ao interconhecimento, à imagem da Sociologia Policial ou do Direito Policial.

Num mundo cada vez mais global e itinerante – dos nómadas digitais aos refugiados climáticos –, os Estudos Globais sobre a polícia contribuem para alargar o conhecimento e moldar a ação, numa relação interdisciplinar com as Ciências Policiais, porque que cada uma analisa de modo distinto o mesmo objeto – a polícia.

De fato, *a ciência não resta indiferente à polícia*, enquanto objeto de estudo, seja na abordagem das ciências clássicas – do Direito à Sociologia –, seja no exame das novas ciências – da Globalogia à Ciência Policial. Assim, regista-se a globalização académica da polícia.

A ciência se move, a sociedade também, e a polícia age segundo o saber erguido.

A Ciência promove a atuação inteligente da polícia: conhecer bem, para agir melhor!

Numa palavra, *a ciência guia a polícia*. A polícia orientada pela ciência ganha eficiência na ação e aplica de forma racional os meios coativos, seja na repressão da criminalidade violenta, seja na fiscalização rodoviária do excesso de velocidade, seja nas demais missões legais.

da interdisciplinariedade sobre o objeto estudado – a globalização.

⁷ CLEMENTE, Pedro. Cidadania, Polícia e Segurança. . Lisboa: ISCPSI, 2015, p. 16.

⁸ FRANCO, José e CAETANO, João Relvão. Introdução, *in* Globalização como Problema – Temas de Estudos Globais. Coordenação de José Franco e João Relvão Caetano. Coleção de Estudos Globais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 7.

⁹ FRANCO, José Eduardo. Fronteiras e Utopia – Promessas da Utopia nos Tempos de Globalização. Op. cit., pp. 15 e 7, respetivamente.

Só a polícia inteligente cumpre bem a missão legal: “Daí o ditado: «Aquele que conhece o inimigo e se conhece a si mesmo sairá vitorioso de cem batalhas»”¹⁰.

Em suma, além de ter expressão constitucional, a polícia detém também dignidade académica: a ciência não fica indiferente à polícia enquanto objeto de conhecimento, nem a polícia enquanto sujeito desse conhecimento – o conhecimento científico da polícia molda a sua ação. Na esfera científica floresce a Ciência Policial e, em breve, os Estudos Globais sobre o objeto policial.

Conquanto seja uma realidade omnipresente no mundo, cada Estado possui a sua polícia – uma fronteira identitária, que tanto segrega, como une. De facto, “Não existe Estado sem polícia”¹¹: da Polícia Municipal de Lisboa à Polícia Civil do Rio de Janeiro... Deste modo, cada polícia exprime o “ideal da glocalização”¹², ou seja, da relação entre o local e o global.

Hoje, a cidade é global, a humanidade universal e a polícia glocal:

“Iniciada em 1990, a época denominada de globalização estabeleceu um mercado mundial e uma rede de comunicações que se ramificou intensamente por todo o planeta. Os desenvolvimentos científicos, técnicos, económicos propiciam um devir comum para toda a humanidade. Ameaças de morte nuclear e ecológica conferem à humanidade planetária uma característica de comunidade de destino. Tornou-se vital conhecer o destino planetário em que vivemos, tentar perceber o caos dos acontecimentos, interações e retroações nos quais se misturam os pro[c]essos económicos, políticos, sociais, étnicos, religiosos, mitológicos que tecem esse destino. Tornou-se igualmente vital saber quem somos, o que nos atinge, o que nos determina, o que nos ameaça, nos esclarece, nos previne e

¹⁰ SUN TZU (544 a.C. - 496 a.C.). A Arte da Guerra. 4.ª edição (reimpressão). Lisboa: Bertrand Editora, 2019, p. 24.

¹¹ L’HEUILLET, Hélène. Alta Polícia, Baixa Polícia – Uma Abordagem Histórica da Polícia. Oeiras: Notícias Editorial, 2004, p. 11.

¹² FRANCO, José Eduardo. Fronteiras e Utopia – Promessas da Utopia nos Tempos de Globalização. Op. cit., p. 17.

o que talvez possa nos salvar.”¹³

Por isso, “*O futuro é incerto e não conseguimos predizê-lo*”, porém “*A mudança é global*”¹⁴. Nesse sentido, urge promover a “*globalização de rosto humano, ao serviço das pessoas e da democracia*.”¹⁵ Para tanto, a polícia conta e a ciência concorre.

A saber, a cidadania não perdura sem polícia numa cidade em que prolifere o crime:

“A segurança era nenhuma em Lisboa, todas as noites se cometiam tantas mortes e roubos, que, pelo habito, já parecia que matar era cortesia e furtar modestia.”¹⁶

De fato, “*é a cidade que torna a polícia necessária*”¹⁷. Só na cidade se respira a liberdade; sem segurança evapora-se a liberdade, de sorte que:

“Na prevenção da criminalidade, as forças e serviços de segurança desenvolvem programas e planos de segurança comunitária e de policiamento de proximidade destinados a proteger as vítimas especialmente vulneráveis”¹⁸.

Por essa razão, a diabolização da polícia favorece a delinquência, nada acrescenta à cidadania – só corrói o contrato social¹⁹, base

¹³ MORI, Edgar. Prefácio, *in* Educar na Era Planetária – O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. MORIN, Edgar, CIURANA, Êmilio-Roger e MOTTA, Raúl. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 11.

¹⁴ COSTA, João. Educação para um mundo melhor – Um debate em curso a uma escala global, *in* Globalização como Problema – Temas de Estudos Globais. Op. cit., pp. 149 e 150, respetivamente. (Em itálico no original.)

¹⁵ FRANCO, José e CAETANO, João Relvão. Introdução, *in* Globalização como Problema – Temas de Estudos Globais. Op. cit., p. 10.

¹⁶ Escrito anónimo de 1709, *apud* LAPA, Albino. Op. cit., p. 109.

¹⁷ L'HEUILLET, Hélène. Op. cit., p. 134.

¹⁸ Artigo 9.º, n.º 1, da Lei n.º 51/2023, de 28 de agosto, que define os objetivos, prioridades e orientações de política criminal para o biênio de 2023 – 2025.

¹⁹ Num horizonte utópico, o fim do contrato social remeteria os seres humanos ao estado natural da humanidade, fora da sociedade, consubstanciado no lema de Thomas Hobbes (1587 – 1666) – “*da*

da força pública²⁰, porque a polícia é a força do direito, oposta ao direito da força: “o Estado é uma ordem de coação.”²¹

(À conta das forças de segurança, a expressão visível da força pública, Portugal²² apareceu, em 2019, como o Estado mais seguro da União Europeia e o terceiro mais seguro no mundo, entre 163 Estados, porém, em 2023, situava-se na sétima posição, sendo o terceiro país mais seguro da Europa, após a Islândia e a Irlanda.)

Pura verdade, sem a polícia, a pólis afunda-se em crime, como sucedeu em 1834 na cidade de Lisboa, que obrigou à criação da Guarda Municipal:

“Tomando em consideração a urgente necessidade de se prover á segurança da Capital (...); Hei por bem, (...), crear a Guarda Municipal de Lisboa para manter o socego Público, afiançado a segurança da Cidade, sem ameaçar a sua Liberdade.”²³

Não obstante essa evidência, ainda hoje, certo radicalismo defende um mundo sem polícia ou identificam-na como causa de incivilidade – “la police cré le crime” –, num assombro anarquista – “tout le monde déteste la police” –, propondo até a sua abolição –

guerra de todos contra todos” –, porque, no estado natural, “*todo o homem é inimigo de todo o homem*”. (HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 112 e 109, respetivamente.) No fundo, os Homens retornariam ao estado inicial de natureza, donde saíram por força do contrato social, porquanto o ser humano nunca nasce naturalmente bom, faz-se na sociedade, civiliza-se na cidade. A bondade natural do Homem selvagem – “*o homem é naturalmente bom*” – existiu apenas na mente de Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778); nunca o Homem primitivo viveu em paz e harmonia com o seu semelhante. (ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992, p. 267.)

²⁰ Em sentido lato, a esfera da força pública incorpora as forças de segurança e as Forças Armadas. Em sentido restrito, o universo da força pública compreende só as forças de segurança. Em Portugal, a esfera da força pública integra a Guarda Nacional Republicana (GNR) e a Polícia de Segurança Pública (PSP): “*El conjunto de fuerzas consagrado al servicio de seguridad recibe el nombre de «fuerza pública».*” (OSES, Luis Mendizábel. *Gran Enciclopedia RIALP - GER*. Tomo XVIII. Tercera reimpresión. Madrid: Ediciones RIALP, 1984, p. 697.) Atualmente, a expressão caiu em desuso no plano legislativo.

²¹ KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. 6.ª edição, 3.ª tiragem. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999, p. 200.

²² *Global Peace Index 2019*. Sydney: Institute for Economics & Peace, 2020, p. 8; *Global Peace Index 2023*. Idem. 2023, p. 8 (*vide*: <http://visionofhumanity.org/resources>).

²³ Preâmbulo do Decreto de 3 de julho de 1834. A Guarda Municipal de Lisboa (1834) antecedeu a atual GNR (1911).

“une seule solution: l’abolition”²⁴ –, como houvesse cidadania sem polícia.

Bem certo, o cidadão prefere a polícia à máfia do crime.

Recentemente, a população lisboeta pronunciou-se sobre a Polícia Municipal de Lisboa²⁵ (PML), atribuindo-lhe 64% de nota positiva pelo desempenho profissional e demonstrando uma confiança de 68%. Naturalmente, nenhuma polícia é perfeita, contudo a polícia continua a ser um dos maiores bens da cidade, por se opor ao crime – do roubo ao feminicídio. Quem defende o contrário, jamais garante a cidadania, muito menos o império da lei, apenas promove a incivilidade: o *crime nunca gera segurança*, apenas aviva o sentimento de insegurança.

Decerto, a polícia acompanha a humanidade: *a polícia é global de expressão local*, ou seja, glocal.²⁶ No mundo global de hoje, o crime é universal, a polícia também.²⁷ A globalização da polícia sobressai nas missões internacionais, sob a bandeira da Polícia Civil das Nações Unidas (CIVPOL)²⁸, e na atividade da Europol²⁹ no espaço da União Europeia.

No mundo ideal não impera a polícia, porém o real nunca corresponde ao ideal.

Certamente, ninguém fica indiferente à questão policial, muito menos a ciência: a polícia marca a vida social. Só no reino da utopia impera a polícia perfeita, pois a polícia faz-se de pessoas para pessoas – e nenhuma é perfeita.

²⁴ RICARDEAU, Gwenola. 1312 raisons d’abolir la police. Collection Instinct de Liberté. Montréal: Lux Éditeur, 2023, pp. 3 a 4 e 6 a 7. A autora afirma (p. 3) que: “*Je déteste la police.*” Tradução: “*Eu detesto a polícia.*” E das demais frases: “*a polícia gera o crime*”; “*toda a gente detesta a polícia*”; “*uma só solução: a abolição [da polícia]*”. (Publicitado por: MONTETY, Étienne de. Des blues à l’âme, in *Le Figaro* (Journal). Paris: première édition, n.º 24557, de 4 de août de 2023, p. 1.)

²⁵ Criada em 1891, a Polícia Municipal de Lisboa (PML) foi o primeiro serviço da Câmara Municipal de Lisboa a submeter-se à avaliação pública. (Vide: MARCELINO, Valentina. Lisboa. Lixos e Gestão do Espaço Público são áreas críticas para os residentes. *Diário de Notícias* n.º 55274, de 20 de agosto de 2020. Edição digital. Lisboa; AZEVEDO, Francisca. A PML e a Opinião dos Municípes e Parceiros. Lisboa: GFK Metris/Polícia Municipal de Lisboa, 2020, p. 9.)

²⁶ Em Portugal, a polícia projeta-se no plano nacional e municipal.

²⁷ O conceito de aldeia global despontou em 1962 no livro *A Galáxia de Gutenberg*, da autoria do filósofo canadense Marshall McLuhan (1911 – 1980), onde anteviu a redução do planeta Terra à aldeia comum, ligada pela tecnologia da comunicação.

²⁸ De 1992 a 2022, a PSP participou em operações de paz com 1.195 policiais, sendo 94 do género feminino – do Kosovo a Timor-Leste (vide: <https://www.psp.pt/Pages/sobre-nos/psp-global/missoes-internacionais.aspx>).

²⁹ Artigo 88.º, n.º1, do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (2016).

A ideia de polícia reconstrói-se diariamente – da singularidade à polissemia: jamais há polícia no singular, apenas no plural. Assim como nunca ninguém viu o Estado, também nunca ninguém viu a polícia, porém toda gente vê uma certa polícia – algures!

Na idade global, *a polícia pensa-se singular, exprime-se plural e estuda-se glocal e persiste global* – é uma evidência glocal: uma convergência entre o global e o local. A polícia assume-se glocal na cidade global. *A polícia é uma ideia global de expressão local: não há polícia universal, apenas local; só a ideia de polícia é global.*

Outrora, como hoje, a polícia soergue-se como um dos maiores bens da cidade, por isso cada polícia constitui um laboratório das políticas públicas do Estado, por não haver sociedade sem crime, nem liberdade sem segurança – e mais segurança não significa menos liberdade: sem segurança, a liberdade fica uma prisão sem grades.

Para haver segurança, precisa de existir polícia. E toda a segurança começa na prevenção – da criminal à rodoviária: a dimensão primógenita da polícia exprime-se na prevenção: a ação policial é sobretudo preventiva.

Em nenhures existe um Estado sem polícia: a heterotutela sobrepõe-se à autodefesa no Estado de Direito: a polícia assegura a legítima defesa cívica e, assim, sustenta a cidadania – é uma tarefa pública do Estado, orientada pelas políticas públicas de cada Governo Constitucional e sujeita a escrutínio público, nacional e internacional.

Ademais, jamais subsiste polícia sem força coativa: toda a polícia detém poder coativo: *a polícia expressa a força do Direito* – é o braço armado do Estado. Por mor disso, a polícia ou é ética, ou é apenas milícia.

A polícia pública impera no Estado hodierno, variando a matriz consoante o país: Portugal segue o modelo de polícia dual – uma herança napoleónica. Parte da Administração Pública, a polícia age em Portugal, como agência coactiva de controlo social, através das forças de segurança, ou seja, da Guarda Nacional Republicana (GNR) e da Polícia de Segurança Pública (PSP), quão polícias administrativas de segurança e órgãos de polícia criminal, coadjuvantes das autoridades judiciais.

Decerto, *a cidade aspira a ser um espaço de cidadania e nunca a fortaleza de medos*. Conseguir isso faz parte da missão diária do serviço policial.

Assim como a pólis se transforma todos os dias, também a polícia se transmuta, para garantir a segurança dos cidadãos. Onde há segurança, vivem-se os direitos – da liberdade de manifestação à privacidade do domicílio.

Numa palavra, a saga policial acompanha a humanidade, à luz da ciência, nesta idade global.

Bibliografia:

ABRANTES, Pedro, e LECHNER, Elsa. Introdução: O que é fazer investigação em estudos globais, *in* Nós Globais – Investigações em curso sobre Questões da Globalização. Coordenação Pedro Abrantes e Elsa Lechner. Coleção Estudos Globais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

AZEVEDO, Francisca. A PML e a Opinião dos Municípios e Parceiros. Lisboa: GFK Metris/Polícia Municipal de Lisboa, 2020.

CLEMENTE, Pedro. A Polícia em Portugal. Cadernos INA n.º 26. Oeiras: Instituto Nacional de Administração (INA), 2006.

_____. Cidadania, Polícia e Segurança. . Lisboa: ISCPSI, 2015.

COSTA, João. Educação para um mundo melhor – Um debate em curso a uma escala global, *in* Globalização como Problema – Temas de Estudos Globais. Coordenação de José Franco e João Relvão Caetano. Coleção de Estudos Globais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

FRANCO, José Eduardo. Fronteiras e Utopia – Promessas da Utopia nos Tempos de Globalização. Lisboa: Apenas Livros, 2023.

FRANCO, José e CAETANO, João Relvão. Introdução, *in* Globalização como Problema – Temas de Estudos Globais. Coordenação de José Franco e João Relvão Caetano. Coleção de Estudos Globais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- KELSEN, Hans. Teoria Pura do Direito. 6.^a edição, 3.^a tiragem. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999.
- L'HEUILLET, Hélène. Alta Polícia, Baixa Polícia - Uma Abordagem Histórica da Polícia. Oeiras: Notícias Editorial, 2004.
- LAPA, Albino. História da Polícia de Lisboa. 1.^o Volume. Lisboa: Comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, 1942.
- MALUSCHKE, Günther. A Globalização como desafio ético-institucional. Revista Polícia Portuguesa, n.^o 112, julho-agosto de 1998. Lisboa: Comando-Geral da PSP, 1998.
- MORI, Edgar. Prefácio, *in* Educar na Era Planetária - O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. MORIN, Edgar, CIURANA, Êmilio-Roger e MOTTA, Raúl. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- OSÉS, Luis Mendizábel. Gran Enciclopedia RIALP - GER. Tomo XVIII. Tercera reimpresión. Madrid: Ediciones RIALP, 1984.
- RICARDEAU, Gwenola. 1312 raisons d'abolir la police. Collection Instinct de Liberté. Montréal: Lux Éditeur, 2023.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992.
- SUN TZU. A Arte da Guerra. 4.^a edição (reimpressão). Lisboa: Bertrand Editora, 2019.